

# humanitas

Vol. I - Vol. II


IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HVMANITAS

VOL. L • TOMO II  
MCMXCVIII

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA  
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



## ESTÊVÃO RODRIGUES DE CASTRO E O VALOR DA AMIZADE

MARIA TERESA GERALDES FREIRE

*Escola Secundária Infanta D. Maria*

Da vasta obra de Estêvão Rodrigues de Castro<sup>1</sup>, parte publicada antes da sua morte e parte publicada postumamente, mercê sobretudo da dedicação de seu filho Francisco de Castro, ressalta, para além dos muitos trabalhos de medicina que outros profissionais do seu tempo insistentemente elogiaram, a sua diversificada produção poética, em Português, Castelhana, Italiano e nomeadamente em Latim<sup>2</sup>, reflexo toda ela, quer no conteúdo quer na forma, de uma peculiar sensibilidade e de uma notável cultura.

Afastado para longe da pátria, por razões religiosas, como a tantos outros sucedeu no seu tempo, vai ocupar, em Itália, roído pelas saudades da pátria que forçosamente deixara<sup>3</sup>, os 29 últimos anos da sua vida, repartido entre a profissão, como clínico e como professor, e a escrita, de que resultaram numerosos estudos de natureza científica e uma vasta e variada obra poética.

Por tudo isto, certamente, lhe dedicou Barbosa Machado, inscritas na Biblioteca Lusitana, as palavras que transcrevemos: “A natureza o ornou de engenho agudo, compreensão admirável e juízo penetrante para alcançar a notícia das ciências amenas e severas, nas quais saiu tão consumado que ninguém no seu tempo se atreveu a disputar-lhe a primazia. Soube com pureza a língua latina; teve natural cadência para a poesia vulgar, e na Oratória foi tão insigne que arrebatava a atenção dos ouvintes, mais pela viveza das acções do

---

<sup>1</sup> Nasceu em Lisboa em 1560 e morreu em Itália em 1638.

<sup>2</sup> G. Manuppella, *Obras Poéticas de Estêvão Rodrigues de Castro*, Coimbra, 1967.

<sup>3</sup> Estêvão Rodrigues de Castro, *Elegia in discessu ex patria Vrbe Ulyssipone*, in G. Manuppella, op. cit., pp. 425-431.

que ainda pela elegância das palavras. Praticou, com igual especulação que novidade, as *experiencias Physicas* e interpretou com suma profundidade os aforismos da Medicina como *Lente Primario* em a Universidade de Pisa”.

Outros elogios lhe votaram alguns nomes conhecidos, como Zacuto Lusitano, também ele médico e escritor, que viveu de 1575 a 1642. Assim, em “De Medicorum Principum Historia”, Lib. II, Hist. CII, pode ler-se:

“Et ut novissime, sic eloquentissime omnium de argumento hoc disseruit Stephanus Rodericus Castrensis, vir excellenti ingenio & doctrina, Medicus & Philosophus celeberrimus libris tribus de Philomelia elegantissimis”.

Em Lib. III, Hist. IX, Quaestio XVIII, intitula-o “Medicinae Phoenix”:  
“Lege... Castrensem Lusitanum, medicinae phoenicem”, numa referência a “De meteoris Microcosmi” de Rodrigues de Castro. “Auctor inter classicos celeberrimus” são ainda palavras de Zacuto, em outro passo da mesma obra, Lib. V, Hist. I.

A estas se juntam outras referências igualmente elogiosas, ao autor e à sua obra, como se pode ver em Barbosa Machado e em Giacinto Manuppella (op. cit. p. 112). Neste último se inclui uma elucidativa menção de Hermann Boherave, que em *Methodus Studii Medici*, ao citar várias obras do médico português, escreve: “STEPHANI RODERICI CASTRENSIS, Pisani Professoris, eruditi viri & acuti ingenii...”

Mau grado a inveja que muitas vezes fez despertar em colegas seus contemporâneos, pelo talento e sobretudo pelo prestígio que alcançou, apesar de estrangeiro, são de Paganino Gaudenzio, Prof. Catedrático da Universidade de Pisa e grande amigo de Estêvão Rodrigues de Castro, na recensão que faz a *Philomelia*, saída em Florença em 1629, um ano após a publicação da obra de Castro, as palavras que se seguem: “Te Deus diutissime seruet incolumem ad totius rei publicae litterariae utilitatem et huius nostrae Academiae splendorem”. (G. Manuppella, op. cit., p. 142)

Muito especificamente em relação a obras de Medicina, na apresentação que destas faz Maximiano Lemos<sup>4</sup>, a que acrescenta por vezes um comentário seu ou de alguém que sobre a obra de Estêvão de Castro se tenha pronunciado, e, algumas vezes ainda, um resumo do respectivo conteúdo, assinalando o seu

---

<sup>4</sup> Maximiano Augusto de Oliveira Lemos, “Médicos Portuguezes no Estrangeiro - Estevam Rodrigues de Castro”, *Archivos de História da Medicina Portuguesa*, Primeira série, vol. V, Porto, 1895.

elevado valor científico, a propósito da obra *Quae ex Quibus*<sup>5</sup>, transcreve as palavras elogiosas de Morejón<sup>6</sup>:

“É esta uma das melhores obras que escreveu o autor. Zacuto e Piquer chamam-lhe *livro d'ouro*. O objecto que a si mesmo propôs foi demonstrar como se sucedem umas às outras. Oxalá os meus discípulos o aprendessem de cór, porque certamente é o mais sublime que até hoje se tem escrito sobre a matéria.”

Sem qualquer desmerecimento pela obra científica, como nos ocupamos essencialmente de Estêvão Rodrigues de Castro poeta, transcrevemos aqui mais um comentário, por mais directamente visar esta faceta do Autor. A propósito das *Rimas* de Estêvão Rodrigues de Castro, escreve o Dr. Maximiano Lemos: “Este livro que merece detido estudo, porque nele se encontram versos admiráveis, por vezes perfeitamente camoneanos, contém produções dos verdes anos do ilustre médico de quem vimos tratando”.

Como homem de vasta cultura, não são raras as passagens onde transparecem reminiscências da antiga poesia grega, de Alceu, Arquíloco<sup>7</sup>, por exemplo, ou da menos antiga poesia latina, representada por Horácio e Ovídio<sup>8</sup>, para citar apenas alguns, ou ainda da mais recente poesia renascentista, de que se destacam o italiano Petrarca e o português Luís de Camões.

Transcreve Maximiano Lemos, a propósito das *Rimas*, o seguinte comentário de Innocencio: “Conforme a opinião dos críticos mais sensatos, Estevam Rodrigues de Castro, considerado como poeta da escola italiana, é escritor de estylo puro e elegante; a sua metrificação é harmoniosa, e merece um lugar distincto entre os bons imitadores de Petrarca”.

Em *Escola de Camões* pode ler-se: “A forma poética mais usada por Estêvão Rodrigues de Castro foi a do Soneto; pode-se dizer com afouteza que são todos perfeitíssimos e dignos de serem assinados por Camões, imitados

---

<sup>5</sup> *Quae ex Quibus*,/ opusculum in quattuor libros diuisum/ Medicinae Studiosis ualde utile, & recondita doctrina refertum/, publ. em Florença, em 1827.

Pela actualidade de que se reveste o assunto, e a título de curiosidade, o quarto e último livro inclui, entre outras questões, as seguintes:

- An liceat medico sterilitatem inducere /
- An liceat medico abortum medicamentis prouocare.

<sup>6</sup> D. Antónío Fernández Morejón, *História Bibliográfica de la Medicina Española*, tomo V, Madrid, 1846.

<sup>7</sup> De Arquíloco, por exemplo, em Epigramma De Lycambe Nostrate, G. Man., op. cit., p. 422.

<sup>8</sup> No estylo e no metro, segue com frequência Ovídio e sobretudo Horácio, de que são exemplo, entre muitos outros poemas, as Odes contidas em *Philomelia*, G.Man., op. cit., pp. 385 e ss.

com um completo conhecimento do seu estilo. A mesma melancolia no amor, o mesmo misticismo religioso dos Sonetos de Camões, são os caracteres predominantes dos Sonetos de Estêvão Rodrigues de Castro<sup>9</sup>.

Como modesto testemunho da obra poética de Estêvão Rodrigues de Castro, escrita na língua do Lácio, loba alimentadora da pátria que lhe deu o berço e daquela que em horas difíceis lhe concedeu abrigo, seleccionámos, de entre as numerosas composições, de extensão, temática e metro muito variados, três apenas, uma ode alcaica, contra a cobiça e a deslealdade, e dois breves epigramas, em dísticos elegíacos, textos que reproduzimos na língua de origem e na tradução que conseguimos dar-lhe, nesta difícil tarefa de dar corpo e alma às palavras de um homem, “mais de quebrar que torcer”, com que, imbuído do espírito de Cícero<sup>10</sup>, o poeta lusiada enaltece, em moldes acentuadamente horacianos, o valor da amizade<sup>11</sup>.

## LXXIV

Amice, diri qui mala pectoris  
Deponis, alba candidior niue,  
Nec saepe uestitus dolosa  
Dissimulas simulasque pelle,

Ne corde lucro turpiter haereas,  
Nec fraude pollens insidias agas,  
Non ore risum finge et intus  
Inuidiae patiare morsum.

Si te labores praecipitem trahunt,  
Succurret alter; nec deerit tibi,  
Arcana cui committis, alto  
Consilio manibusque praesens.

---

<sup>9</sup> Teófilo Braga, *História de Camões, II*, Porto, 1874, p. 184.

<sup>10</sup> Cícero, *Laelius de amicitia*, VII, 24: “Qui clamores tota cauea nuper in hospitis et amici mei M.Pacui noua fabula! cum ignorante rege uter Orestes esset, Pylades Orestem se esse diceret, ut pro illo necaretur, Orestes autem, ita ut erat, Orestem se esse perseueraret! Stantes plaudebant in re ficta; quid arbitramur in uera facturos fuisse?”

<sup>11</sup> Poemas insertos na segunda parte de *Philomelia / Libellus quem suus autor ethices / studiosis, non iniucundum / fore sperat*, dado a lume em Florença, em 1628.

## LXXV

Impietas templum tibi, Taurica Diua, sacrauit,  
 culter ubi humano sanguine tingit humum.  
 Ferrum immite manu tenet ante altare sacerdos,  
 adduntur sacris ligna cremanda focus.  
 Duplex sponte neci submittit uictima collum.  
 Placare iratam sufficit una deam;  
 et Pylades diras et Orestes uinctus ad aras,  
 quilibet: "En moriar, si manet alter" — ait.  
 Mutent fata uices, pietasque colatur eadem  
 qua prius impietas sueuerat aede coli!

## LXXVI

Ultima nec Pylades nec Orestes fata recusat,  
 alterius uitae dum ferat alter opem.  
 Exoritur concors discordia: rebus amici  
 quisquis timet, rebus non timet ipse suis.  
 Quis uincla haec soluet? Mortis lex omnia soluit,  
 soluere amicitiam lex tamen ista nequit.

**Tradução**

## LXXIV

Amigo, tu que ocultas os males do peito funesto,  
 Mais cândido do que a neve pura,  
 Tu que simulas e dissimulas,  
 Quantas vezes escondido sob dolosa pele,

Não fiques vergonhosamente preso à ganância  
 Nem, movido pela ambição, trames insídias,  
 Não finjas o riso no rosto, quando, no teu íntimo,  
 Sentes que te morde a inveja.

Se os reveses te arrastam ao precipício,  
 Alguém te socorrerá; e não te faltará

A quem confies o teu destino, presente,  
Com o seu alto conselho e a sua protecção.

## LXXV

A impiedade consagrou-te um templo, ó Táurica Diva,  
lá onde o cutelo tinge o chão de sangue humano.  
Um sacerdote sustém na mão, ante o altar, o ferro cruel,  
e aos fogos sagrados junta-se lenha para a cremação.  
Duas vítimas oferecem espontaneamente o pescoço à morte.  
Uma só basta para aplacar a ira da deusa.  
Não só Píldes mas também Orestes, presos aos altares cruéis,  
dizendo qualquer deles: “Morra eu, se ficar o outro”.  
Mudem de feição os destinos, e seja venerada a piedade,  
como antes a impiedade o foi, nesta morada!

## LXXVI

Nem Píldes nem Orestes recusam o seu destino final  
desde que um deles salve a vida do outro.  
Surge na união a discórdia: cada um teme pela sorte do amigo  
e nenhum teme pela sua própria sorte.  
Quem dissolve este dilema? A lei da morte tudo dissolve,  
só não consegue, a mesma lei, dissolver a amizade.

Retomando mais uma vez palavras de Paganino Gaudenzio, da sua  
recensão a *Philomelia*, com ele recordamos Estêvão Rodrigues de Castro e o  
valor da amizade, esse bem de todos os tempos que o Poeta tanto celebrou:

“Duplex est ratio, et utraque insignis, qua tu, doctissime Castri, bene  
de re publica mereris, dum *Philomeliam* in publicam lucem emittis. Primum  
quidem asseris et restituis bonum amicitiae, quod a mortalibus hac tempestate,  
si unquam, aut negligitur aut plane ignoratur. Sine quo tamen uita hominum  
parum aut prope nihil a belluina differt. Quo potissimum societas, saluberrimum  
naturae institutum, uelut tenacissimo et pulcherrimo uinculo continetur. Vtinam,  
utinam multi, te docente post magnum Aristotelem, intelligant beatum esse  
non posse eum qui destituitur amicis!”<sup>12</sup> (...).

<sup>12</sup> G. Man., op. cit., 140-141.



### Tradução

“Duas são as razões, ambas importantes, pelas quais tu, mui douto Castro, bem serves o Estado, ao dares a lume *Philomelia*. Antes do mais porque defendes e reforças o bem da amizade, bem que nestes tempos, se algum dia existiu, ou é desprezado ou de todo ignorado.

Sem ele, porém, a vida dos homens pouco ou nada difere da dos animais. Com ele, mais do que tudo, a sociedade, a mais salutar instituição da natureza, é sustentada como por um vínculo fortíssimo e muito belo. Oxalá, oxalá muitos, tendo-te como mestre depois do grande Aristóteles, entendam que não pode ser feliz aquele que não tem amigos!” (...).